

## EPIDEMIA DE LEISHMANIOSE TEGUMENTAR ENTRE OS ÍNDIOS WAURÁ DO PARQUE NACIONAL DO XINGU (ESTADO DE MATO GROSSO, BRASIL)

I. de CARNERI, N. NUTTELS e J. A. MIRANDA

### RESUMO

Após ter lembrado a existência de um foco de leishmaniose tegumentar de tipo *pian bois* em Garapu, no alto rio 7 de Setembro, os AA. descrevem uma epidemia da mesma afecção, em fase inicial, entre os índios Waurá do baixo rio Batovi. Esta doença, desconhecida pelos índios do Parque Nacional do Xingu, manifestou-se somente depois da tribo ter-se estabelecido, recentemente, numa limitada região de cerrado. Nas mulheres, em particular, foram encontradas lesões múltiplas iniciais nas coxas, devidas à posição habitual de cócoras durante o trabalho diário.

Nos 25.000 km<sup>2</sup> do Parque Nacional do Xingu, Estado de Mato Grosso, — além de nas outras centenas de milhares de km<sup>2</sup> do território do Alto Xingu, ainda pouco conhecido — vivem alguns milhares de índios de quatro grandes grupos linguísticos: Aruak, Karib, Tupi e Jê e outras tribos pertencentes a grupos linguísticos isolados.

As condições de vida dessas povoações são primitivas: andam nus e só os mais adiantados usam arco e flexas, ao passo que os outros grupos periféricos, como os Txukahamai (Jê), apenas há três anos, após a pacificação, adotaram o arco e a canoa, característicos da cultura central do Alto Xingu.

A leishmaniose tegumentar nunca havia sido estudada nessa região; por outro lado, cerca de 200 km mais ao sul, no posto Garapu da Fundação Brasil Central — na margem do rio 7 de Setembro, afluente do Kuluene — NUTTELS, membro da Expedição Roncador-Xingu, observou, em 1946, entre trabalhadores da Fundação, vários casos clinicamente suspeitos e que responderam à terapêutica antimonial. Na mesma localidade, em 1960, de CARNERI observou 3 casos en-

tre os 10 moradores. Todos os casos de Garapu apresentavam somente lesões cutâneas.

No verão de 1962, NUTTELS diagnosticou clinicamente um caso de leishmaniose tegumentar, em fase inicial, em um índio Waurá; e, em meados deste ano, MIRANDA observou um segundo caso suspeito em outro índio Waurá.

Esta tribo Aruak não tinha experiência anterior desta doença.

Os Waurá, perseguidos desde anos por uma tribo hostil ainda desconhecida, chamada Txikão, em fins de 1962 deslocaram-se da mata para a área do Parque, onde construíram uma nova aldeia, numa região de cerrado, à margem direita do baixo rio Batovi.

Somente nesta localidade surgiram os primeiros casos. O Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas do Ministério da Saúde, dirigido pelo Dr. Noel Nuttels, tendo recebido um apêlo dos irmãos Vilas Boas, que assinalavam um aumento dos casos, organizou uma excursão para identificar parasitológicamente o agente etiológico.

A tribo Waurá é constituída por cerca de 90 indivíduos. Entre os 50 índios presentes na aldeia na tarde de 4 de setembro deste ano, foram encontradas 12 pessoas — 3 mulheres e 9 homens — com idade avaliada entre 6 e 50 anos, afetadas por úlceras às vezes múltiplas.

O aspecto era típico das lesões iniciais de leishmaniose tegumentar. Não foi observado comprometimento das mucosas nasobuco-faríngeas.

Enquanto nos homens a distribuição das lesões era casual [queixo, tórax, braços e pernas (fig. 3)], nas mulheres notava-se uma concentração das lesões nas nádegas e na parte posterior das coxas (fig. 2).

Esta localização depende possivelmente do fato de as mulheres permanecerem longamente agachadas para o preparo da mandioca (fig. 1). É notório que os flebotomos voam de preferência a pouca altura do chão.

Foram feitos vários esfregaços, um dos quais, corado pelo Giemsa, resultou microscópicamente positivo, com típicos ninhos endocelulares de leishmânias.

Podemos assim argumentar que a leishmaniose tegumentar, desconhecida pelas tribos indígenas do Parque — como se infere de nosso rápido inquérito — está presente como zoonose em limitadas localizações ecológicas do Alto Xingu.

Além do tratamento antimonial, imediatamente instaurado, sugerimos a deslocação dos moradores da aldeia para alguns quilômetros de distância do foco natural da infecção.

Uma conseqüência provável e de observação interessante será a ocupação pelos Txikão hostis — atualmente acampados a 800 m de distância, na margem esquerda do rio Batovi — da aldeia e da clareira abandonadas.

Os Txikão, não possuindo machados eficientes nem uma técnica evoluída de construção de habitações, ocuparão muito provavelmente, como já aconteceu no passado, a aldeia abandonada, correndo assim o risco de serem envolvidos, por sua vez, no ciclo de transmissão da doença entre flebotomos e, possivelmente, roedores silvestres.

#### SUMMARY

*Epidemic of South American Leishmaniasis among the Waurá indians of the Xingu National Park, State of Mato Grosso, Brazil.*

After mentioning the existence of a persistent focus of South American Leishmaniasis in Garapu, in the 7 de Setembro River zone, the Authors describe an epidemic among the Waurá indians, located at about 200 km to the north of that base of the Fundação Brasil Central.

The typical leishmaniotic ulcers, till then unknown to the primitive inhabitants of this region, appeared for the first time at the beginning of 1963, a few months after the Waurá established themselves in a previously unsettled area of savannah, near the lower Batovi river, one of the affluents of the upper Xingu system.

In women, multiple initial lesions were frequently observed in the buttocks and thighs, due to the exposure to the bites of low-flying sand flies, as a consequence of their squatting posture during the processing of mandioca roots.

The parasitological diagnosis was made by microscopical examination of Giemsa stained smears.

Secondary lesions of the oronasal mucosa were not observed.

Recebido para publicação em 16 setembro 1963.



Fig. 1



Fig. 2

Fig. 3



Fig. 1 — Mulheres na aldeia Waurá preparando a mandioca. Notar a vegetação regional de tipo cerrado.

Fig. 2 — Lesões iniciais múltiplas na região glútea e coxas de mulher Waurá.

Fig. 3 — Úlceras leishmaníóticas nos pés e pernas de um jovem indígena.